

AINDA PODEMOS BRINCAR?

Jorge Luiz de Oliveira Junior
EMEF Raimundo Correia

RESUMO

O relato de experiência a seguir faz parte de um projeto aportado pelo tema do projeto pedagógico da escola “protagonismo juvenil”. Foi engendrado no primeiro trimestre do ano de 2010 com o objetivo de fazer com que os alunos pudessem ler, interpretar, escrever e transmitir aos colegas, os conhecimentos relativos à manifestação corporal estudada. Os resultados percebidos foram que os grupos se tornavam, a cada aula, mais interessados em realizar novas descobertas acerca dos jogos pesquisados e na sua reconstrução. Notou-se também que os integrantes atribuíram importância ao diálogo como forma de decisões coletivas e se tornaram sujeitos ativos de sua aprendizagem.

Palavras-chave: Brincadeira; Jogo de Queimada; Protagonismo Juvenil;

RELATO

Ao iniciar o ano de 2010, o coletivo de docentes se reuniu para elaborar o Projeto Pedagógico da escola e decidimos que um dos temas desse projeto seria o “protagonismo juvenil”, pois asseveramos a importância da criança e do jovem tornarem-se sujeitos participativos na escola e na comunidade. Esse tema seria somado à proposta da secretaria municipal de educação que é a da leitura e escrita em todas as áreas do conhecimento. Com base no caderno de Orientações Curriculares de Educação Física e nas colocações de Moreira, Candau, Neira e Nunes, eu objetivei fazer com que os alunos pudessem ler, interpretar, ampliar e ressignificar as manifestações presentes na cultural corporal e por fim, escrevê-las, visando a aprendizagem coletiva. Para isso, segui as orientações multiculturais de currículo. Só me restava dialogar com os alunos para, juntos, determinarmos qual seria essa manifestação, ou seja, o nosso objeto de estudo. Após as devidas reflexões, o projeto foi desenvolvido no 1º trimestre do ano de 2010 e estavam envolvidas as turmas de 5ª série (6º ano) do ensino fundamental.

Durante a primeira semana de aula, os alunos constantemente me questionavam quando iríamos para a quadra para “brincar” e eu respondia que nesse momento nós devíamos saber o que iríamos fazer. Após o mapeamento dos saberes, o primeiro momento consistiu em engendrar uma breve discussão acerca das brincadeiras que eles conheciam e/ou que já tinham brincado nas séries anteriores. Por se tratar de turmas ingressantes no ciclo II, diversas brincadeiras eclodiram nesse diálogo, porém a brincadeira de queimada foi enaltecida pelo grupo. Um fato interessante dessa discussão foi quando uma das alunas fez o seguinte comentário: “Mas professor, nós não podemos

brincar durante o intervalo”. Curioso por tal resposta, resolvi questioná-la e ela retornou afirmando: “As inspetoras do intervalo falaram que brincar é coisa de criancinha e que nós (5ª série) já estávamos crescidinhos”. Pude perceber que essa colocação por parte das inspetoras foi na melhor das intenções, pois as falas das mesmas eram que os alunos corriam durante o intervalo e devido a isso, aconteciam muitos acidentes. Levando isso em consideração, propus a pergunta: “Ainda podemos brincar?”. Esse foi o tema e o objeto de estudo inicial foi a manifestação queimada. Cabe aqui comentar que ficou decidido que haveria “grupos de registro” e funcionaria da seguinte forma: ao final de cada aula, um grupo registraria no caderno o que havia acontecido na mesma. Enfatizei a importância do registro como forma de subsidiar o assunto tratado, para mantermos a sua continuidade.

Como primeira atividade, perguntei ao grupo qual era a queimada que eles haviam jogado anteriormente e os alunos afirmaram que era a “queimada normal”. Após intenso diálogo, definimos que essa queimada se chamaria “queimada com coveiro e com eliminação”, pois seguiam as regras do jogo. Ao final da aula, reuni o grupo e perguntei a respeito das sensações que o jogo proporcionou e pedi para que na próxima aula pensassem em “novas” regras que o transformassem.

A partir disso, os alunos incitaram muitas ideias e com essas “novas” regras, percebemos que o nosso jogo inicial de queimada havia se modificado e o nomeamos de “queimada com coveiro e sem eliminação”, pois, como a primeira, seguiam as regras do novo jogo. Ao término desse novo jogo de queimada, pude perceber o empenho e devoção à prática e aos registros diários. A cada aula, a queimada era transformada e adequada ao grupo, porém senti que faltava algo. Senti que faltava uma maior compreensão do jogo de queimada, com relação aos diferentes nomes que a significam de acordo com a sua localidade, entre outros fatores, pois no contato inicial que tive com os alunos, não constatei nenhum tipo de ampliação dos saberes relativos àquela prática.

À luz dessas proposições, solicitei uma breve coleta de dados com os familiares e amigos próximos sobre o jogo de queimada e marquei a nossa próxima aula na sala de informática para pesquisarmos mais sobre essa manifestação e seus diferentes tipos e nomes. As descobertas foram imensas nas quatro turmas. Diversos tipos de queimada eclodiram, com diferentes nomes. Por esse motivo, decidimos por meio de votação quais seriam as novas queimadas que cada turma estudaria, sendo que seria um jogo de queimada para cada uma e que ao final dessa etapa, as turmas trocariam os conhecimentos referentes ao seu jogo. Porém, nessa eleição de qual jogo faríamos, muitos alunos citaram que “é você que escolhe professor, porque é você que ensina a gente”. Nesse instante, observei que essa troca de informações concernentes aos jogos praticados me ajudaria na possível desconstrução da ideia de que o professor é o detentor da verdade absoluta e que os alunos devem ser passivos e dóceis durante o seu percurso na escola. Ao contrário disso, as vozes dos alunos seriam

potencializadas e a responsabilidade de ensinar os colegas seriam deles próprios, ou seja, eles seriam, efetivamente, sujeitos ativos da própria aprendizagem e da aprendizagem dos seus pares.

Cada turma, após a vivência prática da queimada escolhida juntamente com a sua ressignificação, ficou incumbida de elaborar cartazes acerca do jogo, explicando-o e colocando opiniões e dicas para que as pessoas que fossem usufruir dessas informações, o compreendessem. Passada essa parte da elaboração, nos restava fazer a “troca” de informações interclasses, a fim de fazer valer o protagonismo juvenil proposto no projeto pedagógico da escola. Então, assim a fizemos.

Pude perceber que os grupos de alunos estavam interessados em explicar aos colegas o jogo de queimada aprendido e ressignificado, com as suas possíveis estratégias e dicas para tornar o jogo mais participativo em outros momentos.

Um fato intrigante ocorreu nesse momento. Durante uma das explicações de uma turma para outra, uma das inspetoras que acompanhava a atividade alertou para o conhecimento daquele jogo que estava sendo exprimido pelos alunos e acabou elucidando o jogo que havia aprendido nas aulas de Educação Física quando freqüentava a escola. Pude observar que os alunos despertaram curiosidade pela fala dela e isso culminou na hibridização das regras, do jogo que estava por acontecer com o jogo explicado por ela. Decerto, isso refletiu nas opiniões dos alunos acerca da inspetora, uma vez que passaram a enxergar ela como uma pessoa dotada de conhecimentos profícuos sobre o tema.

A partir de tal ação, resolvi convidá-la a explicar esse jogo para as outras turmas, logo após esse período de “troca” dos jogos. Assim, os alunos depreenderam que os conhecimentos são formados por meio dos discursos e que ele está em todas as partes, estando uns mais presentes que outros por conta das relações de poder.

À guisa de fechamento, relato que observei que os alunos estavam, a cada aula, mais interessados em saber sobre os jogos de queimada e estenderam as suas coletas de dados com seus familiares e pessoas da comunidade, a fim de conhecer mais formas de se jogar, como também, exprimir as queimadas aprendidas e ressignificadas nas aulas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MOREIRA, A. F. B e CANDAU, V. M. F. Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos. Revista Brasileira de Educação. nº23. Mai/jun/jul/ago, 2003.

NEIRA, M. G; A cultura corporal popular como conteúdo do currículo multicultural da Educação Física. Pensar a Prática. 11/1: 81-89, jan./jul. 2008.

NEIRA, M. G; NUNES, M. L. F; e org. Praticando estudos culturais na Educação Física. São Caetano: Yendis, 2009.

NEIRA, M.G; NUNES, M.L.F. Educação Física, currículo e cultura. São Paulo: Phorte, 2009.

SÃO PAULO. Secretaria Municipal de Educação. Orientações Curriculares e Proposição de Expectativas de Aprendizagem para o Ensino Fundamental: Ciclo II: Educação Física. São Paulo: SME/DOT, 2007.